

## **A IRONIA E A NÃO FICÇÃO**

*Ricardo Luís Düren<sup>1</sup>*

*Eunice Piazza Ga<sup>2</sup>*

### **RESUMO**

O texto em questão é um ensaio, no qual se discorre sobre a presença da ironia de eventos em incidentes não ficcionais relatados pela imprensa, abordando-se também o interesse que tais narrativas despertam no público leitor. Tomando como exemplo a tragédia de Édipo, o ensaio inicialmente apresenta o conceito de peripécia, termo citado na Poética, de Aristóteles, para designar a transformação de uma determinada situação em seu extremo oposto – onde uma ação bem intencionada, por exemplo, acaba resultando em desgraça, onde o que deveria ser bom se transforma em algo muito ruim. A seguir, argumenta que a peripécia, apesar de empregada por Aristóteles para conceituar um fenômeno presente na narrativa literária, não está restrita à ficção. O ensaio invoca eventos não ficcionais, narrados pela imprensa, nos quais pessoas reais sucumbem vítimas de incidentes que bem poderiam ser comparados a peripécias. Um destes eventos citados é a morte do deputado estadual Euclides Kliemann, assassinado em 1963 em decorrência de posturas que tinham, obviamente, objetivos bem diferentes do trágico desfecho a que se chegou. No decorrer deste ensaio, é apresentando o termo ironia de eventos, também empregado para conceituar situações onde determinada ação atrai um resultado oposto ao previsto pelo agente. Após demonstrar a existência de peripécias não ficcionais, o ensaio passa a divagar sobre os motivos pelos quais tais narrativas despertam grande interesse no público, inclusive entre leitores sem interesse pela literatura. Cita autores para os quais o gosto pelo relato da tragédia alheia é inerente ao ser humano, mas observa que enredos dotados de peripécias vão além da mera narrativa da desgraça do outro. Conclui que, dentre os motivos de tamanho interesse, possivelmente está a constatação, por parte do leitor, de que qualquer indivíduo pode ser vítima de uma “ironia do destino” – inclusive ele próprio.

**Palavras-chave:** Ironia. Peripécia. Não ficção. Imprensa.

Assim que ouviu as terríveis profecias do oráculo de Delfos, Édipo levou a cabo a única alternativa que lhe parecia viável para escapar de seu infeliz destino. Ao fugir de Corinto, se afastando daqueles que imaginava serem seus genitores, esperava evitar que ele próprio assassinasse o pai e se casasse com a mãe. Desta forma, demonstrou ser alguém que não se conforma ante a iminência da desgraça – mesmo que prevista pelos deuses – e que reage em busca de um destino mais favorável. Hoje, bem poderia ser classificado como um homem de “espírito proativo” ou de “atitude”, como gostam de dizer os grandes empreendedores contemporâneos.

É inegável que Édipo, ao tentar reagir ao futuro que lhe estava imposto, o fez com espírito nobre. Entretanto, Sófocles conta que foi justamente tal atitude que levou Édipo à desgraça prevista pelo oráculo. Ao se afastar de Corinto, matou no caminho seu pai verdadeiro, Laio, e, em Tebas, casou-se com sua própria mãe, Jocasta. Quando descobriu que o desconhecido assassinado na estrada era seu pai, e que sua esposa era, também, a mulher que o gerou, percebeu o quanto o destino havia conspirado contra ele, transformando-o em autor dos piores crimes que um homem podia praticar – parricídio e incesto.

Tal conspiração do destino narrada por Sófocles seria invocada por Aristóteles, cerca de cem anos depois, para conceituar a peripécia (em grego, peripeteia) na Poética. Mais precisamente, Aristóteles cita o mensageiro encarregado de noticiar a morte de Políbio, rei de Corinto, a quem Édipo tinha por pai. Em meio à trágica notícia, o mensageiro revela que Políbio não era o verdadeiro pai de Édipo. Seu intuito seria acalmar o outro, mostrando que não haveria risco de a profecia se concretizar através de um incesto contra Mérope, esposa do recém falecido. Entretanto, a revelação causa um efeito contrário – ela leva Édipo a juntar as peças do quebra-cabeças montado pelo destino e o faz descobrir que a terrível profecia, na verdade, já estava cumprida. Por meio da

boca do bem intencionado mensageiro, descobre ser, ao invés de glorioso rei, um desgraçado. Na narrativa literária, a peripécia residiria, portanto, na transformação de determinada situação em seu extremo oposto – o que parece ser bom, fruto de uma ação bem intencionada, se transforma em algo muito ruim, ou o contrário.

Entretanto, o velho ditado de que a vida imita a arte – ou mesmo, que a arte imita a vida – sugere que a peripécia não está restrita à literatura. O fenômeno também acontece no universo não ficcional, com personagens verdadeiros. E, a exemplo do que ocorre na literatura, também pode originar narrativas, seja por meio dos historiadores (em eventos de maior importância geopolítica) ou, na contemporaneidade, através da imprensa. Esta, aliás, costuma dar grande atenção a estes episódios, especialmente quando trágicos, o que sugere existir um elevado interesse do público acerca destas “peripécias não ficcionais” – como será demonstrado mais adiante. É possível presumir que os indivíduos, mesmo quando desinteressados em relação à literatura, sentem-se atraídos por narrativas tidas como reais<sup>3</sup> onde os personagens são vítimas do que, popularmente, é chamado de ironia do destino.

O emprego da palavra ironia é bastante propício. O que o senso comum chama de ironia do destino pode ser formalmente conceituado, conforme sugere Muecke (1982), por ironia de eventos. O autor enumera vários conceitos de ironia, mas ressalta a diferenciação entre a ironia presente em fatos ocorridos e a ironia verbal – formada intencionalmente pelos interlocutores, que dizem uma coisa querendo expressar outra, por exemplo, como forma de zombar ou criticar. Muecke cita como exemplo de ironia de eventos a expulsão de Coriolano do Império Romano. A medida, que visava afastar um inimigo e trazer tranquilidade ao reino, gerou um efeito bem oposto: a expulsão empurrou Coriolano ao encontro dos Volscos, inimigos dos romanos. A aliança entre o adversário banido e os Volscos causou a destruição de Roma.

Vendo este exemplo, salta aos olhos a possibilidade de classificar o desgosto dos romanos como uma peripécia aristotélica. Não à toa, alguns tradutores da Poética, conta Muecke (1982), substituíram a expressão peripeteia por ironia, embora a segunda fosse usada por Aristóteles significando a

dissimulação autodepreceativa. Ainda segundo Muecke, foi só entre os séculos XVIII e XIX que a inversão de circunstâncias passou a ser também considerada uma forma de ironia, o que possibilitou “ver o mundo como um palco irônico” (p. 35). Assim como a zombaria semântica da ironia verbal tem suas vítimas, a ironia de eventos também tem as suas. Vítimas, no caso, da zombaria do destino, capaz de executar toda sorte de peripécias, seja com personagens fictícios, seja com pessoas reais, muitas de espírito proativo, assaltadas por conspirações aleatoriamente formadas pelas circunstâncias.

Folheando edições relativamente recentes do acervo do jornal Gazeta do Sul, de Santa Cruz do Sul (RS), cidade onde ora é redigida esta análise<sup>4</sup>, é possível encontrar algumas narrativas de episódios trágicos não ficcionais que têm entre seus ingredientes certa ironia de eventos. Dentre as vítimas está a jovem Vânia Lenara de Oliveira, brutalmente assassinada em 24 de maio de 2008. Conta a Gazeta que Nara – como era conhecida – atraiu a morte ao colocar um anúncio no jornal, em busca de alguém para dividir o apartamento e as despesas com o aluguel. Um dia depois de aceitar um desconhecido como colega de apartamento, passou a desconfiar das atitudes dele e temeu por sua segurança. Após expulsá-lo, foi por ele assassinada. A ironia de eventos não se restringe ao fato de a vítima ter sido assassinada após adotar uma atitude que visava a, justamente, garantir sua integridade. A peripécia começou a se formar quando Nara foi em busca um colega para rachar as despesas de moradia, procurando assim uma situação mais tranquila em suas finanças.

Mesmo uma tragédia de trânsito pode apresentar contornos de ironia de eventos. Em 21 de abril de 2011, um acidente ocorrido em Candelária (RS) dizimou uma família que se dirigia à casa de parentes, para um agradável dia de visitas e reencontros. Apenas a esposa do motorista sobreviveu. Morreram ele, a filha, o filho e a noiva deste. Conforme consta na Gazeta, a polícia desconfiou que o motorista teria dormido ao volante, hipótese reforçada pelo depoimento de parentes e vizinhos das vítimas. Segundo estes, o pai teria trabalhado até mais tarde na noite anterior. A prática do serão lhe era habitual e visava, obviamente, melhorar a qualidade de vida da família. Mas pode ter sido justamente o que a destruiu.

Dentre outras ironias de eventos não ficcionais encontradas ao folhear o acervo da Gazeta do Sul, destaca-se a morte do deputado estadual Euclides Nicolau Kliemann, assassinato em 31 de agosto de 1963 nos estúdios na Rádio Santa Cruz. O crime ocorreu em um contexto político conturbado e foi precedido em um ano e dois meses pela morte da esposa de Euclides, Margit Kliemann, vítima de uma pancada no rosto cuja autoria não foi elucidada pelas autoridades da época. O autor do tiro causador da morte de Euclides foi o vereador Floriano Peixoto Karan Menezes, o Marechal, membro de partido político adversário ao de Kliemann. Marechal estava ao microfone da rádio e atirou no momento em que Kliemann invadiu o estúdio, irritado com uma declaração do vereador – Menezes havia dito que Euclides fora suspeito do assassinato da esposa, Margit, o que realmente ocorreu no decorrer da investigação policial.

Se fosse apresentada descontextualizada, a cena do assassinato já seria suficiente para uma análise da presença de ironia situacional. Marechal, que nunca antes havia dado um tiro, conseguiu meter uma bala de revólver no coração do adversário, disparando sem mirar, quase ao mesmo tempo em que sacava a arma do bolso do casaco. O projétil ainda atravessou a mão de Kliemann, que invadira o estúdio da rádio com a palma erguida, em sinal de “pare”. Muecke (1982) provavelmente classificaria esta cena como uma ironia marcada pelo princípio do alto-contraste, onde o irônico reside na improbabilidade do fato ocorrido.

Mas há também a questão do contexto, onde uma série de circunstâncias sugere que Kliemann sucumbiu vítima de peripeteias em série. O destino começou a conspirar já no misterioso assassinato de Margit, evento que, ao ser citado por Marechal um ano depois, culminou também na morte de Euclides. O que levou o deputado a tornar-se suspeito de matar a esposa, na opinião de Pedro Simon<sup>5</sup>, foi sua tentativa de esconder da polícia o verdadeiro assassino, talvez para evitar um escândalo. De Grandi (2010) dá a impressão de que o assassino de Margit pode ter sido um sobrinho de Euclides, o que explica que tipo de escândalo em família o deputado pretenderia evitar ao despistar os investigadores, assumindo assim o ônus de virar o principal investigado. Nota-se que esta atitude gerou todo um contexto que culminou nas trágicas insinuações

de Marechal ao microfone da Rádio Santa Cruz. A busca por defender a honra da família, tanto ao atrapalhar as investigações policiais quanto ao invadir o estúdio ocupado por Marechal, levaram Kliemann a deixar órfãs suas três filhas.

Haveria ainda mais ironias de eventos facilmente listadas no episódio, como o fato de ter sido o próprio Euclides quem propôs o debate político na rádio. Tantos ingredientes atípicos, aliados ao fato de a tragédia envolver um importante parlamentar, despertaram o interesse nacional na época. A morte de Kliemann foi destaque no noticiário gaúcho e repercutiu também na famosa revista *O Cruzeiro*, de circulação em todo o País. Mais recentemente, o episódio foi novamente contado na série de reportagens intitulada *O Caso Kliemann – 45 anos depois*, publicada entre 26 de agosto e 6 de setembro de 2008 na *Gazeta do Sul*. Mais uma vez, a narrativa chamou a atenção do público, fato mensurado pela *Gazeta* a partir de várias manifestações de leitores que encaminharam cartas e e-mails com elogios à Redação do periódico. Dois anos depois, a mesma história foi contada em detalhes no livro de não ficção *Caso Kliemann – A história de uma tragédia*, do jornalista e escritor Celito de Grandi. Neste caso, a tiragem da obra ajuda a mensurar o interesse do público em relação ao caso. Foram vendidos 6 mil exemplares desde o lançamento.

Mostras de que, além de ocorrerem no campo do não ficcional, as ironias de eventos, ou peripécias, geram enredos que despertam a curiosidade, comovem e –independente disto ser ruim ou não – atraem leitores. Claro, há mais fatores em jogo neste contexto. Angrimani (1995) argumenta que, por si só, a morte é “objeto de fascínio” (p.54). No caso, a morte do outro, obviamente. O autor cita Freud, que sugeriu existir um instinto de destruição no homem; mas invoca também Baudrillard, o qual discorda de Freud ao supor que o gosto pela morte não está restrito ao inconsciente. Para Baudrillard, a morte alheia é vista pelo homem como um espetáculo a ser saboreado, onde há o júbilo do observador justamente porque o morto é o outro, cujo óbito, muitas vezes, tem sentido moral na medida em que é punição a algum erro.

Angrimani (1995) resgata estes conceitos na tentativa de entender o sucesso do jornalismo sensacionalista<sup>6</sup>, mas acaba admitindo que o gosto pelo relato do assassinato e da catástrofe também está presente no leitor de jornais

mais sóbrios, que também abordam este tipo de notícia. O autor acredita haver ainda uma atração do indivíduo pelo *fait divers*, como é chamado o conteúdo noticioso que, independente do assunto, valoriza o fato atípico, o ambíguo e o bizarro. Aqui, ousa invocar Monestier e Romi, para quem grandes obras da Literatura, como Werther, de Goethe, ou Madame Bovary, de Flaubert, teriam sido inspiradas em relatos não ficcionais do tipo *fait divers* publicados na imprensa, obviamente aprimorados pela pena inspirada dos autores.

Entretanto, episódios como a tragédia dos Kliemann ou mesmo o assassinato de Vânia Lenara têm enredos que vão muito além do atípico, do *fait divers*. Neles há peripécia, há ironia. Fossem narrativas ficcionais, bem poderiam ser classificadas por Aristóteles como complexas, aquelas que têm peripeteias. E, para o filósofo, as narrativas complexas são justamente as mais belas. Como são tragédias não ficcionais, há que se lamentar que tenham ocorrido, mas há também como entender o que as torna tão atraentes.

Horácio, na Epístola aos Pisões, ressalta que escrever poesia exige inspiração e conhecimento. Para ele, quem não conta com as bênçãos das musas inspiradoras não deve se atrever a ser poeta, mesmo porque, escrever poesia ou prosa é uma opção, não uma obrigação. Mas com o homem não ficcional assaltado por uma ironia de eventos é diferente. Dentre as possíveis vítimas da peripécia podem estar tanto indivíduos inspirados quanto desprovidos da graça das musas. Qualquer um pode ver-se, de uma hora para outra, às voltas com uma peripeteia aristotélica, totalmente imprevisível, oposta ao planejado e, muitas vezes, trágica.

Talvez nisto resida boa parte da magia da peripécia não ficcional. Ao se deparar com uma narrativa destas, o homem pode sentir o júbilo reconfortante descrito por Baudrillard ao constatar que a vítima é o outro. Mas pode também sentir um certo frio na espinha – talvez prazeroso para alguns, na medida em que é desafiador – diante de uma constatação lógica: “se realmente aconteceu com o outro, bem poderia ter sido comigo”.

## THE IRONY AND NOT FICTION

### ABSTRACT

The text in question is an essay in which he discusses the presence of the irony of events in fictional incidents not reported by the press, addressing also the interest that such stories arouse in readers. Taking the example of the tragedy of Oedipus, the text initially introduced the concept of peripeteia, a term mentioned in the Poetics, Aristotle, to denote the transformation of a given situation in its extreme - an action which well-meaning, for example, eventually resulting in doom, where it should be good turns into something very bad. The following argues that the mishap, though employed by Aristotle to conceptualize a phenomenon present in literary narrative, is not restricted to fiction. The text relies on non-fictional events, narrated by the press, in which real people succumb to victims of incidents that might well be compared to incidents. One such event is referred to the death of state assemblyman Euclides Kliemann, assassinated in 1963 due to positions that were obviously very different goals of the tragic outcome that was reached. Throughout this essay, is presenting the term irony of events, also used to conceptualize situations where a particular action attracts the opposite result to that provided by the agent. After demonstrating the existence of non-fiction adventures, the text begins to wonder about the reasons why these narratives are interesting in public, even among readers with no interest in literature. Cites authors for whom the taste for the account of the tragedy of others is inherent in human beings, but notes that plots equipped with adventures beyond the mere narrative of another's misfortune. We conclude that among the reasons for such interest, is possibly the finding, by the reader, that anyone can fall victim to an "irony of fate" - including himself.

**Keywords:** Irony. Mishap. Not fiction. Press.



## NOTAS

- <sup>1</sup> Jornalista graduado em Comunicação Social pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Bolsista Capes do Mestrado em Letras da Unisc, RS, Brasil.
- <sup>2</sup> Doutora em Lingüística e Letras pela PUCRS, é coordenadora do Mestrado em Letras da Unisc, RS, Brasil.
- <sup>3</sup> O emprego da expressão “tidos como reais” deve-se às recentes dúvidas lançadas sobre o paradigma da objetividade jornalística, como é chamada a busca pelo relato do fato real de forma isenta e fiel. Como afirma Bulhões (2007), ao ser recontado pelo jornalista o fato real é submetido a um “caleidoscópio de versões” (p.22) e, desta forma, acaba influenciado por relações sociais e econômicas. Silva (2006), que vai mais além, defende que a neutralidade é um mito do jornalismo, o qual, para o autor, produz versões ao tentar contar a verdade. Por este mesmo motivo, também será aqui utilizada a expressão “não ficcionais” para definir eventos tidos como reais, apresentados por meio da narrativa jornalística. Esta observação faz-se necessária visto a intenção de analisar, mais adiante, eventos relatados pela imprensa.
- <sup>4</sup> Diante da imensidão do mundo e da história, e a conseqüente infinidade de peripécias que, neste vasto campo, vitimaram e vitimam o homem, uma delimitação espaço-temporal se faz imprescindível para viabilizar esta proposta de debate.
- <sup>5</sup> Entrevistado pela Gazeta do Sul em 2008.
- <sup>6</sup> O autor descreve o jornalismo sensacionalista como aquele onde a notícia é veiculada em tom escandaloso, que explora com exagero relatos de violência e perversão, empregando para tanto uma linguagem deselegante.

## REFERÊNCIAS

- ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai sangue* - um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Sumus, 1995.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Ana Maria Valente. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- BULHÕES, Marcelo Magalhães. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.
- DÜREN, Ricardo. Euclides sabia quem matou Margit. *Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul, 1º set. 2008. O Caso Kliemann – 45 anos depois. p. 8-9.
- \_\_\_\_\_. Feriادão começa com banho de sangue. *Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul, 23 e 24 abr. 2011. p 26.

\_\_\_\_\_. Um assassinato transmitido ao vivo. *Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul, 30 e 31 ago. 2008. O Caso Kliemann – 45 anos depois. p. 7-9.

GRANDI, Celito de. *Caso Kliemann: a história de uma tragédia*. Porto Alegre: Literalis, Edunisc, 2010.

KUHN, G. E.; DÜREN, R. O tiro que muda a história. *Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul, 26 ago. 2008. O Caso Kliemann – 45 anos depois. p. 5-7.

MUECKE, D. C.. *Ironia e o irônico*. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995.

MÜLLER, Igor. Mulher encontrada morta em prédio no centro da cidade. *Gazeta do Sul*, Santa Cruz do Sul, 26 maio 2008. p. 10-11.

SILVA, Juremir Machado da. *As tecnologias do imaginário*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000024.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2011.

TRINGALI, Dante. *A arte poética de Horácio*. São Paulo: Musa Editora, 1993.

Recebido: 28 de setembro de 2011  
Aprovado: 12 de dezembro de 2011  
Contatos: [ricardo@gazetadosul.com.br](mailto:ricardo@gazetadosul.com.br)  
[piazza@unisc.br](mailto:piazza@unisc.br)